

Abordagens de gênero, sexualidade e saúde na educação em ciências: uma pesquisa bibliográfica

Gender, sexuality and health approaches in science education: a bibliographic research

Vinicius Souza Magalhães Leite ^a
Maria Cristina Ferreira dos Santos ^b

Resumo

O objetivo desse estudo foi realizar o mapeamento de trabalhos que abordam gênero, sexualidade e saúde em pesquisas em educação em ciências. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com as palavras-chave “gênero”, “sexualidade” e “saúde” em títulos e resumos de trabalhos publicados nos Anais do I-XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (1997 – 2017). Entre 88 trabalhos que abordavam gênero e/ou sexualidade, 14 também tratavam da saúde. Nenhum dos 14 trabalhos tratou de gênero e saúde. Todos relacionaram sexualidade e saúde, principalmente à prevenção de DST/AIDS, vivência saudável da sexualidade, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência.

Palavras-chave: Ensino de ciências. Pesquisa documental. Gênero. Sexualidade.

Abstract

The main goal of this study was to map articles about gender, sexuality and health in science education research. A bibliographic research was carried out with the keywords "gender", "sexuality" and "health" in titles and abstracts of papers published in the Annals of the I-XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (1997 - 2017). In 88 papers dealing with gender and/or sexuality, 14 of them addressed health. None of the 14 papers addressed gender and health. All of them related sexuality and health mainly to STD/AIDS prevention, healthy sexuality, birth control and teenage pregnancy.

Keywords: Science education. Documentary research. Gender. Sexuality.

Introdução

Questões envolvendo gênero, sexualidade e saúde têm sido veiculadas pelos meios de comunicação, em novelas, noticiários, filmes e na internet. É relevante refletir sobre essas questões, indo além de aspectos biológicos e contextualizando aspectos históricos, afetivos e subjetivos no âmbito de questões sociais e culturais.

Desigualdades de gênero, sexualidade, etnia e classe - e o encontro destas várias categorias que se multiplicam e influenciam as relações de poder - constituem importantes elementos na demarcação da noção de um indivíduo socialmente aceito e normatizado (SCOTT et al., 2009). No convívio em sociedade, diferenças existentes entre os indivíduos se reforçam no contato com a variada gama de particularidades do ser humano, como o campo

^a Graduado em Ciências Biológicas e mestrando na Pós-Graduação em Biologia Vegetal da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - (viniciussmleite@gmail.com).

^b Professora e pesquisadora dos Programas de Pós-graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade e de Ensino em Educação Básica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - (mariacristinaf@gmail.com).

afetivo-sexual e o da autoidentificação. Uma ideia presente em diversos espaços sociais é que existe uma vinculação fundamental entre o sexo do corpo, a identidade de gênero e a identidade sexual.

Abordagens sobre gênero, sexualidade e saúde permeiam a área da educação em ciências. Na perspectiva de mapeamento do estado do conhecimento em pesquisas sobre gênero, sexualidade e saúde nessa área no Brasil, foram analisados trabalhos publicados de 1997 a 2017 em 11 edições do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), um evento que reúne pesquisadores em educação em ciências das diferentes regiões brasileiras. Buscou-se compreender a forma como trabalhos publicados nos anais do I ao XI ENPEC abordaram questões relacionadas a gênero, sexualidade e saúde, no intuito de apontar tendências e subsidiar futuros trabalhos na área.

Gênero, sexualidade e saúde: aspectos históricos, sociais e culturais

As construções sociais e culturais que auxiliam na constituição do mundo e dos sujeitos são muitas vezes naturalizadas – e entre elas se incluem a manifestação dos gêneros e das sexualidades. Para definir as noções de gênero e sexualidade, traçou-se um percurso histórico, utilizando aportes teóricos de Guacira Louro (2007, 2012) e Joan Scott (1995), nas discussões sobre gênero, e de Foucault (1993), no tratamento da sexualidade como um elemento intrínseco e histórico ao indivíduo, entre outros autores.

Para Money (1998 apud CARDOSO, 2008), sexo, gênero e sexualidade são conceitos distintos e independentes. O sexo trata dos corpos, do meio pelo qual a sexualidade se manifesta; das unidades biológicas dos organismos de cada indivíduo; das características biológicas de homens e mulheres, assim como dos caracteres sexuais secundários decorrentes da ação hormonal; da estruturação física a partir do critério da genitália com a qual o indivíduo nasceu.

Na perspectiva pós-estruturalista de Louro (2012), o papel social de gênero é determinado culturalmente nos indivíduos. Usualmente atribui-se a designação e papel de homem aos indivíduos com caracteres sexuais externos masculinos e a designação e papel de mulher a indivíduos com caracteres sexuais externos femininos. Entretanto, essa conceituação não é uma regra, uma vez que os papéis sociais de homem e de mulher são atribuições sócio-histórico-culturais definidas em cada contexto específico.

O gênero enquanto categoria começou a ser questionado na sua fundamentação no seio do feminismo. O uso mais recente e difundido desta palavra parece ter surgido primeiro entre as feministas americanas, que entendiam o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo (LOURO, 2007, 2012). A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Além disso, gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades, ditando o ser ou não ser em relação a comportamentos femininos (SCOTT, 1995).

Ao se falar em gênero, não se fala apenas de macho ou fêmea, mas de masculino/feminino em diversas e dinâmicas masculinidades/feminilidades, remetendo a construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito a disputas materiais e simbólicas. Tais disputas envolvem processos de configuração de identidades, definições de papéis, funções sociais, construções e desconstruções de representações e imagens, diferentes

distribuições de recursos e de poder e estabelecimento e alteração de hierarquias entre os que são socialmente definidos como homens e mulheres, nas diferentes sociedades e ao longo do tempo. Assim, a demarcação do gênero não é somente a descrição biológica de um corpo, mas aquilo que faz esse corpo existir (OMS, 2017).

A definição de sexualidade está relacionada à expressão dos interesses, atrações, prazeres e predileções no campo da afetividade física e amorosa.

A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva encontrar o amor, contato, intimidade, e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas (OMS, 1975 apud BRASIL, 1997, p. 295).

Em relação à identidade sexual, Nagem e Amaral (2011) afirmam que ela é construída a partir da apreensão de valores, conceitos e costumes atrelados à sexualidade que um indivíduo incorpora como verdade para si. Essa identidade pode ser compreendida e analisada a partir de três dimensões: a dimensão biológica, a dimensão de gênero e a orientação de desejo. A dimensão biológica é definida pelo caráter genético e pelas características externas que podem ser observadas e designadas como o sexo masculino – presença de pênis e configuração cariotípica XY – e o sexo feminino – presença de vulva e configuração cariotípica XX, além de caracteres fisionômicos. A dimensão de gênero é definida pelos papéis sociais atribuídos culturalmente aos indivíduos considerados homens e mulheres. Já as orientações de desejo são definidas por meio de manifestações da sexualidade humana, mais comumente como a bissexualidade, a heterossexualidade e a homossexualidade. Além dessas existem outras manifestações da sexualidade humana, como a panssexualidade (NAGEM; AMARAL, 2011).

Em relação à sexualidade, assim como ao gênero, configuram-se relações de poder e opressão. Foucault (1993, p. 81) qualifica como negativa essa relação de poder *versus* sexualidade^c:

Com respeito ao sexo, o poder jamais estabelece relação que não seja de modo negativo: rejeição, exclusão, recusa, barragem, ou, ainda, ocultação e mascaramento. O poder não “pode” nada contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não; se produz alguma coisa, são ausências e falhas; elide elementos, introduz discontinuidades, separa o que está junto, marca fronteiras. Seus efeitos tomam a forma geral do limite e da lacuna.

A sexualidade estaria limitada ao que é socialmente permitido e não permitido de ser realizado, por intermédio de suas manifestações e de acordo com a “coerência binária” estabelecida:

^c Foucault utiliza a palavra “sexo” ao se referir à sexualidade.

O poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma “ordem” que funciona, ao mesmo tempo, como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei (FOUCAULT, 1993, p. 81).

O gênero e a sexualidade sofreram e ainda sofrem influências de religiões e religiosidades, que por anos perduraram na insistência de castigos, punições e condenações aos que ousassem manifestar seus gêneros e sexualidades como quisessem, uma vez que essas mesmas manifestações eram consideradas impuras, profanas ou erradas por não serem aquelas prescritas pela sociedade e aos olhos divinos (COUTINHO, 2014). Esse autor afirma que gênero e sexualidade são construções sociais permeadas por perspectivas biológicas, normativas, essencialistas e determinísticas, perpetuadas ao longo dos séculos por um modelo de sociedade machista, patriarcal e binária, que insiste em moldar um ideário comportamental do que deveria vir a ser um homem ou uma mulher. O destaque na discussão da sexualidade ultrapassa discursos morais e religiosos, sendo pautado nos direitos humanos em reivindicações de movimentos sociais, como o movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) e o movimento feminista, amparados por organizações não governamentais, fundações e agências de fomento nacionais e internacionais (CALAZANS, 2005).

Estudos sobre gênero e sexualidade permeiam o campo da saúde. Apesar de a vinculação de tais aspectos não possuir qualquer embasamento natural, a falsa associação entre o sexo biológico/corporal e as identidades de gênero e sexual promove, especialmente na área da saúde feminina e em nome daquilo que se nomeia saúde sexual e reprodutiva, a prescrição de modelos de sexualidade considerados saudáveis e normais, assim como a discriminação/segregação de indivíduos que não são identificados como pertencentes ao padrão hegemônico – a heteronormatividade (ARAÚJO; PENNA, 2013).

Questões de gênero e sexualidade também afetam a saúde reprodutiva das mulheres, que sofrem de forma intensas pressões e expectativas sociais, financeiras, culturais e sexuais. A representação da conexão entre gênero, sexualidade e saúde pode ser exemplificada na literatura acerca da relação de suscetibilidade da mulher a infecções ou doenças sexualmente transmissíveis (DST), como a AIDS (BARBOSA, VILELA, 1996; GUANILO, TAKAHASHI, BERTOLOZZI, 2014). Segundo esses autores, alguns estudos indicam que as relações de gênero são responsáveis pelo fato de mulheres – mesmo aquelas com conhecimentos razoáveis, do ponto de vista epidemiológico, sobre as formas de contaminação pelo vírus HIV – serem incapazes ou possuírem dificuldades de programar o uso de preservativos e buscar formas de modificar esse quadro.

Em se tratando de gênero, sexualidade e saúde do ponto de vista educacional, os enfoques mudam. A escola é uma instituição social a que se atribui a responsabilidade de construir e ressignificar conhecimentos acumulados histórica e culturalmente pela sociedade por meio de processos de educação formal. Félix (2016) aponta que, no tratamento de questões de gênero e sexualidade nos currículos de formação inicial e continuada dos profissionais da educação e sua relação com o ensino de saúde – particularmente da saúde sexual e reprodutiva, o foco se localiza, majoritariamente, em abordagens biomédicas, com

pouca interface com outras áreas, como direito sexual e direitos humanos. Na educação em ciências, diversos livros didáticos da disciplina escolar Ciências para os anos finais do ensino fundamental explicitam como deve ser utilizada a camisinha masculina como método contraceptivo, mas poucos tratam do uso da camisinha feminina (SILVA, 2017).

Outro desafio contemporâneo da saúde coletiva no Brasil é a promoção da saúde para o público masculino. Existem necessidades específicas relacionadas ao processo de internalização/subjetivação capitalística e ao dispositivo da sexualidade masculina, que devem ser consideradas pela atenção à saúde. Em 2014 no Brasil homens jovens apresentavam 4,7 vezes mais chances de morrerem por motivos ligados à promoção ao cuidado com a saúde do que mulheres com a mesma idade (IBGE, 2014). Alguns estudos apontam problemáticas na inserção dos homens nas redes de atenção à saúde – em especial no nível de atenção primária, relacionando o aspecto da socialização masculina promovida pelo patriarcalismo estrutural e pelo machismo, que acabam por interferir negativamente, acarretando problemas como a negligência do cuidado de si, a desresponsabilização com o processo de saúde e a violência de gênero, entre outros aspectos (ALBUQUERQUE et al., 2014).

Apesar da diferenciação conceitual entre saúde, gênero e sexualidade e de suas especificidades, considera-se que a abordagem de temas da saúde se configura como potencializada a de questões relativas a gênero e sexualidade. O aspecto negativo de não se tratar de questões de gênero, sexualidade e saúde sexual e reprodutiva na escola é o de não se explorar de modo pedagógico valores e preconceitos dos estudantes sobre esses temas. A abordagem dessas questões em diferentes espaços educativos pode contribuir para diminuir a desigualdade, a intolerância e a violência.

Percurso metodológico

A abordagem utilizada nesse estudo foi predominantemente de natureza qualitativa, pois se trata de uma pesquisa focada em questões humanas e sociais (MINAYO, 2009), articulada ao tratamento quantitativo de dados, de forma a obter uma compreensão ampla do tema e objeto de estudo.

Foi realizada uma pesquisa documental do tipo bibliográfica, tendo como fontes textos que não tiveram nenhum tratamento analítico por parte do pesquisador (SEVERINO, 2007). A pesquisa bibliográfica tem a finalidade principal de “[...] colocar o pesquisador em contato com o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado tema”, independentemente do tipo de registro (MARKONI; LAKATOS, 2003, p. 183). Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica desenvolve-se a partir de um material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Esse autor afirma ainda que, mesmo que todos os estudos exijam essa etapa em suas produções, há determinadas pesquisas que são desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Para a delimitação do *corpus* de análise foram selecionados trabalhos publicados nos anais do I-XI ENPEC que continham as palavras-chave: “gênero”, “sexualidade” e “saúde” em títulos, resumos e/ou palavras-chave dos resumos. De acordo com Bauer e Arts (2002), o *corpus* de uma pesquisa é composto pelos materiais identificados como fontes importantes para que um texto possa ser fundamentado e adequado ao caráter científico.

O ENPEC é promovido pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em

Ciências (ABRAPEC) e teve sua primeira edição em 1997 e a 11ª edição em 2017. Esse evento “[...] tem como objetivo reunir e promover o câmbio entre pesquisadores das áreas de Ensino de Física, Química, Biologia, Geociências, Ambiente, Saúde e áreas afins, com a finalidade de discutir pesquisas recentes e tratar de temas atuais e recorrentes de interesse da comunidade de educadores em Ciências” (ABRAPEC, 2018), abrangendo, portanto, diferentes áreas disciplinares e regiões geográficas brasileiras.

Resultados e discussão

Após o levantamento dos trabalhos publicados nos anais do I-XI ENPEC (MOREIRA et al., 1997, 1999, 2001, 2003; NARDI; BORGES et al., 2006; MORTIMER, 2007, 2009; MARTINS et al., 2011, 2013; SELLES et al., 2015, 2017) com as palavras-chave “gênero”, “sexualidade” e “saúde”, foi elaborada uma listagem por edição do ENPEC com: o número total de trabalhos, número de trabalhos selecionados que abordavam gênero e/ou sexualidade, número e percentual de trabalhos que abordavam gênero e/ou sexualidade e saúde em relação ao total de trabalhos por edição (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos trabalhos selecionados por edição do I-XI ENPEC (1997-2017).

Edição do ENPEC	Ano	Nº total de trabalhos por edição	Nº de trabalhos sobre gênero e sexualidade	Nº de trabalhos sobre gênero, sexualidade e saúde	Percentual de trabalhos ^d sobre gênero, sexualidade e saúde
I	1997	138	0	0	0
II	1999	168	0	0	0
III	2001	235	1	0	0
IV	2003	416	6	2	0,48%
V	2005	694	5	1	0,14%
VI	2007	650	5	0	0
VII	2009	740	13	1	0,14%
VIII	2011	1.182	12	2	0,17%
IX	2013	1.532	18	4	0,26%
X	2015	1.277	12	2	0,16%
XI	2017	1.840	16	2	0,11%
TOTAL		8.872	88	14	0,16%

Fonte: Elaborada pelos autores, 2018.

A nona edição do evento (IX ENPEC) em 2013 foi a que apresentou o maior número de trabalhos sobre gênero e sexualidade, com 18 publicações, e também foi aquela com o

^d Percentual de trabalhos sobre gênero, sexualidade e saúde em relação ao número total de trabalhos por edição.

maior número de trabalhos que tratavam de gênero, sexualidade e saúde, com quatro publicações.

O número de trabalhos referentes a gênero e sexualidade aumentou a partir da 7ª edição em 2009 e o seu percentual relativo em relação ao número total de trabalhos publicados nas edições do evento foi baixo, oscilando entre 0,04% no III ENPEC e 1,8% no VII ENPEC. Os temas dos trabalhos selecionados estão relacionados a diferentes contextos e ênfases: sexualidade relacionada ao contexto escolar; sexualidade e saúde; desigualdades de gênero na ciência; relações de sexualidade e corpo, entre outros. Trabalhos sobre orientação e educação sexual no âmbito escolar também se mostraram recorrentes, reforçando o papel da escola no ensino e aprendizagem de conhecimentos nessa área.

Dos 88 trabalhos sobre gênero e/ou sexualidade, apenas 14 abordaram a saúde vinculada a essas noções. Apenas um dos 14 trabalhos apresentou a palavra “saúde” no título: “O ensino de ciências e a educação para a saúde: a compreensão da sexualidade e do HPV no terceiro ano do ensino médio”, de autoria de Caetano e Silveira (2009). Cinco trabalhos apresentaram a palavra “saúde” nos resumos, sendo aqueles de autoria de: Bardi e Campos (2005); Caetano e Silveira (2009); Azevedo e Souza (2013); Silva, Lima e Siqueira (2013) e Cicco e Vargas (2013). As 14 produções apresentaram a palavra saúde no corpo do trabalho completo. Este resultado indica que poucos estudos sobre relações entre gênero, sexualidade e saúde têm sido publicados por pesquisadores brasileiros nesse evento nacional de educação em ciências e, algumas vezes, essas relações são tratadas de forma tópica.

Diferentes temáticas foram tratadas nos 14 trabalhos selecionados. Garcia e Abreu (2003) investigaram a percepção de docentes e pais sobre a importância e papel do professor e da escola na orientação sexual de jovens e como a família avalia a participação da escola na construção da sexualidade de seus filhos. Bruschi e Klein (2003) analisaram opiniões de alunos da 7ª e 8ª séries do ensino fundamental de uma escola pública e de uma escola do ensino privado acerca de gravidez precoce e DST. Bardi e Campos (2005) investigaram como professores das séries iniciais do ensino fundamental abordavam temas relacionados à orientação sexual. Caetano e Silveira (2005) avaliaram o conhecimento de adolescentes sobre questões que envolvem DST, com base na transversalidade temática proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Miranda (2011) abordou como o currículo de São Paulo trata a sexualidade e ideias sobre a educação sexual. Costa et al. (2011) investigaram a percepção de alunos do ensino fundamental acerca da sexualidade. Azevedo e Souza (2013) analisaram as ideias sobre o ensino da sexualidade que direcionam as práticas pedagógicas de professores de uma disciplina de Educação para Sexualidade. Amorim e Freitas (2013) identificaram temas relacionados à sexualidade que interessavam a estudantes da EJA de uma escola pública de Belém, no Pará. Silva, Lima e Siqueira (2013) analisaram discursos docentes sobre sexualidade na escola por meio da perspectiva foucaultiana e dos estudos culturais. Cicco e Vargas (2013) objetivaram compreender potencialidades e limites do ensino de DST no contexto escolar a partir de uma abordagem sócio antropológica. Silva, Miranda e Araújo (2015) analisaram discursos de alunos do ensino médio sobre as temáticas DST e métodos contraceptivos. Miranda, Freitas e Silva (2015) objetivaram conhecer as concepções sobre sexualidade de alunos do 9º ano do ensino fundamental, antes e após o desenvolvimento de conteúdos sobre reprodução humana. Oliveira et al. (2017) investigaram práticas educativas na formação inicial em conformidade com uma educação em sexualidade para uma construção social de formas de vida mais justas. Bastos e Pinho (2017) buscaram

compreender sentidos de sexualidade a partir de pesquisa em trabalhos do ENPEC com as palavras-chave sexo, gênero, DST e gravidez, entre outras.

Dos 14 trabalhos relacionados à saúde e sexualidade e/ou gênero, três abordaram saúde tratando de DST, gravidez, educação sexual e reprodutiva e outros temas. Essas publicações são de autoria de Caetano e Silveira (2009), Amorim e Freitas (2013) e Cicco e Vargas (2013). A educação em sexualidade e gênero continua enfrentando obstáculos e uma das estratégias para atingir diferentes grupos sociais acerca de sua importância foram argumentos pautados na relação de gênero e sexualidade com a saúde: índices de gravidez na adolescência; números de casos de DST - principalmente AIDS - em adolescentes e jovens, entre outros (ARILHA; CALAZANS, 1998).

Alguns trabalhos trataram de questões relativas à promoção da saúde envolvendo a sexualidade, principalmente nas primeiras edições do ENPEC, como em Garcia e Abreu (2003); Bruschi e Klein (2003) e Bardi e Campos (2005). Vianna (2012) afirma que é preciso lembrar a importância da saúde pública ao se tratar do gênero nas políticas públicas de educação, com especial visibilidade para as demandas da diversidade sexual. Nos trabalhos que não abordaram diretamente a saúde, foram estabelecidas relações pontuais com essa temática no texto.

Em relação ao nível de ensino, dos 88 trabalhos analisados sobre gênero e/ou sexualidade, 39 referiam-se ao ensino fundamental, 15 ao ensino superior e formação continuada e 12 ao ensino médio. Os trabalhos que não se dirigiam a algum segmento de ensino específico foram categorizados como “outros” (Tabela 2). A maior tendência (44%) foi a realização de pesquisas no ensino fundamental.

Tabela 2. Distribuição dos trabalhos por nível de ensino.

Nível de Ensino	Nº Total	Percentual
Ensino Fundamental (Ciências)	39	44%
Ensino Superior e Formação Continuada	15	17%
Ensino Médio (Biologia)	12	17%
Outros	24	27%
88		100%

Fonte: Elaborada pelos autores, 2018.

Em relação aos 14 trabalhos sobre gênero e/ou sexualidade e saúde, sete se direcionaram para o ensino fundamental. Foram eles: Garcia e Abreu (2003); Bruschi e Klein (2003); Bardi e Campos (2005); Costa et al (2011); Azevedo e Souza (2013); Miranda, Freitas e Silva (2015) e Oliveira et al (2017). Seis trabalhos direcionaram-se para o ensino médio: Caetano e Silveira (2009); Miranda (2011); Amorim e Freitas (2013); Silva, Lima e Siqueira (2013); Cicco e Vargas (2013) e Silva, Miranda e Araújo (2015). Apenas um trabalho não tratou de algum segmento escolar ou nível de ensino específico, o de autoria de Bastos e Pinho (2017). O elemento comum nos 13 trabalhos relacionados ao ensino fundamental e ao ensino médio está relacionado a concepções de estudantes sobre temas relativos a gênero e/ou

sexualidade e em alguns à saúde.

Bardi e Campos (2005) apontaram que na veiculação de conceitos relacionados à sexualidade e saúde no ensino fundamental existem algumas particularidades em relação às séries. Temas como “corpo” e “higiene e saúde” são trabalhados preferencialmente nas 1ª e 2ª séries, ao passo que “DST/AIDS” e “gravidez e parto” aparecem com maior frequência nas 3ª e 4ª séries. Esses resultados podem indicar que a abordagem da sexualidade tem um caráter majoritariamente de prevenção quando se trata de saúde no anos iniciais do ensino fundamental.

As abordagens de gênero e sexualidade no ensino fundamental e médio foram realizadas geralmente a partir do ponto de vista da educação sexual. No início da década de 1980, a educação sexual era assumida pelo discurso da saúde e do ensino de biologia com ênfase na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, além de aspectos sobre reprodução e fisiologia humana que estruturavam o planejamento pedagógico sobre planejamento familiar. Com o surgimento da epidemia do HIV/AIDS, houve ênfase na escola como cenário estratégico para a veiculação de informações a respeito de prevenção e diagnóstico dessa doença (LIMA; SIQUEIRA, 2013). Neste período modificou-se o enfoque da educação sexual associado à prevenção (ALTMANN, 2001; BARROS e RIBEIRO, 2012; CÉSAR, 2009).

As discussões sobre sexualidade e saúde na educação em ciências são entrelaçadas a tensões entre ciências e culturas, nas quais as diferenças muitas vezes são interpretadas em perspectivas biológicas, de base genética, físico-química e/ou ambiental. Segundo Bastos e Pinho (2017), em livros didáticos e artigos científicos de biologia, frequentemente encontram-se descrições que classificam as pessoas com síndromes ou anomalias em cromossomos sexuais numa perspectiva de inferiorização. A constituição genética diferente é compreendida como erro, estigmatizando os indivíduos e relacionando a diferença à doença, mesmo quando o desenvolvimento desses indivíduos não é afetado. Neste cenário, a saúde se faz presente nas diferentes formas de se ver, conceber, perceber, sentir, analisar, estudar e vivenciar gênero e sexualidade.

As referências a autores em maior frequência nos 88 trabalhos foram: Louro (1992, 1995, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2013, 2014) em 35 publicações; Foucault (1977, 1984, 1985, 1987, 1988, 1993, 1997, 1998, 1999, 2003, 2007, 2009) em 18 publicações; Scott (1990, 1995), em 15 trabalhos; Altmann (2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007) em 13 publicações; Furlani (2003, 2007, 2008, 2009, 2011, 2013) em 13 publicações; Figueiró (1996, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2005, 2006, 2009, 2013) em 11 publicações; Ribeiro (2002, 2003, 2004, 2007, 2008) em 10 publicações; Nunes (1996, 1997, 2000, 2005), Suplicy (1983, 1990, 1993, 1995, 1998, 2000), Castro (2005) e Vitiello (1992, 1994, 1995, 1997, 1998, 2002) em oito publicações; Britzman (1996, 2001) apareceu em sete publicações; Weeks (1993, 2000, 2003, 2007, 2011) e Werebe (1993, 1998) constam nas referências em seis publicações e Bonfim (2009, 2012) e Sayão (1997) em cinco trabalhos (Tabela 3). O mapeamento de referências a autores foi feito com base na análise de todos os referenciais teóricos relacionados a gênero e sexualidade nos 88 trabalhos, estando ou não relacionados à saúde.

Tabela 3. Referências a autores nos trabalhos selecionados dos anais do III-XI ENPEC.

Autores	Nº de referências
LOURO (1992, 1995, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2013, 2014)	35
FOUCAULT (1977, 1979, 1984, 1985, 1987, 1988, 1993, 1997, 1998, 1999, 2003, 2007, 2009)	18
SCOTT (1990, 1995)	15
ALTMANN (2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007)	13
FURLANI (2003, 2007, 2008, 2009, 2011)	13
FIGUEIRÓ (1996, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2005, 2006, 2009, 2013)	11
RIBEIRO, P. R. C. (2002, 2003, 2004, 2007, 2008)	10
NUNES (1996, 1997, 2000, 2005)	8
SUPLICY (1983, 1990, 1993, 1995, 1998, 2000)	8
CASTRO (2004)	8
VITIELLO (1992, 1994, 1997, 1998, 2002)	8
BRITZMAN (1996, 2001)	7
WEEKS (1993, 2000, 2003, 2007, 2011)	6
WEREBE (1993, 1998)	6
BONFIM (2009, 2012)	5
SAYÃO, R. (1997)	5

Fonte: Elaborada pelos autores, 2018.

Os textos de Louro (2007, 2011, 2012) abordam questões de gênero, sexualidade, identidade, corpo e currículo voltados para as problemáticas escolares, pedagógicas e formativas docentes. Foucault (1993) trata da história da sexualidade construída e caracterizada socialmente, numa perspectiva histórico-temporal. Figueiró (2006, 2013) publicou ensaios sobre sexualidade e educação sexual como forma de integração curricular, além de questionar abordagens e usos que os meios e sistemas de ensino têm veiculado sobre esse tema. Altmann (2001, 2003) trata das questões que envolvem orientação sexual e suas construções no meio escolar, problematizando a forma como a mesma é vista nesse âmbito. Furlani (2011) disserta em seus trabalhos sobre a educação sexual e suas abordagens curriculares e sociais na escola, explorando as limitações e potencialidades dessa temática nesse ambiente educacional.

Os autores mais citados nos 14 trabalhos que abordaram educação em ciências, sexualidade e saúde estão entre os mais citados nos 88 trabalhos sobre gênero e sexualidade. Louro (1998, 2000, 2001, 2004, 2008, 2010, 2013, 2011) foi citada em 10 dos 14 trabalhos relativos à saúde em gênero e sexualidade. Ela foi citada por Bardi e Campos (2005); Caetano e Silveira (2009); Costa et al (2011); Azevedo e Souza (2013); Amorim e Freitas (2013); Silva, Lima e Siqueira (2013); Cicco e Vargas (2013); Miranda e Freitas (2015); Oliveira et al (2017) e Bastos e Pinho (2017). Altmann (2003, 2004, 2007) é a segunda autora mais citada, em sete dos 14 trabalhos: Bardi e Campos (2005); Miranda (2011); Azevedo e Souza (2013); Amorim e Freitas (2013); Silva, Lima e Siqueira (2013); Cicco e Vargas (2013) e Silva, Lima e Araujo (2015). Furlani (2007, 2011); Figueiró (2006, 2013) e Suplicy (1990, 1993, 2000) aparecem citados em três trabalhos cada: em Garcia e Abreu (2003); Bruschi e Klein (2003); Bardi e Campos (2005); Miranda (2011); Miranda e Freitas (2015); Oliveira et al (2017) e

Bastos e Pinho (2017). Britzman e Sayão foram citadas em dois trabalhos cada: em Garcia e Abreu (2003); Costa et al (2011); Silva, Lima e Siqueira (2013) e Cicco e Vargas (2013). Foucault foi citado em duas obras: em Silva, Lima e Siqueira (2013) e em Bastos e Pinho (2017). Nunes (2000, 2005) aparece citado em dois trabalhos: Bardi e Campos (2005) e em Miranda (2011), assim como Vitiello (1992, 2002), que aparece citado em Garcia e Abreu (2003) e Bruschi e Klein (2003). Ribeiro P. R. C. (2004), Weeks (2011) e Werebe (1998) foram citados em somente um dos 14 trabalhos, enquanto Scott (1995), Castro (2004) e Bonfim (2012) não foram citados em nenhum deles.

Nos 14 trabalhos relacionados a gênero, sexualidade e saúde alguns referenciais se destacam em relação àqueles utilizados nos 88 trabalhos acerca de gênero e sexualidade. As obras de Louro foram as mais indicadas nas referências, tanto nos 88 trabalhos relacionados a gênero e sexualidade como nos 14 articulados à saúde. Em contrapartida, Altmann é a segunda autora com maior número de referências nos 14 trabalhos relacionados à saúde, ao passo que Foucault é o segundo autor nas 88 produções. Entre os referenciais adotados para a saúde, destacam-se Fonseca (2002), que trata da prevenção de DST/AIDS no ambiente escolar; Oliveira et al. (2009), que abordam conhecimentos e práticas adolescentes sobre DST; e Façanha et al. (2004), que estudam conhecimentos de alunos sobre reprodução e sexo seguro.

Apesar de Altmann (2001) ter apontado que sexualidade era considerada um problema de saúde pública e de orientação sexual ter sido tema transversal nos PCNs, apenas 14 trabalhos publicados em 11 edições do ENPEC trataram de abordagens de sexualidade relacionadas à saúde, majoritariamente vinculadas à prevenção de DST/AIDS, vivência saudável da sexualidade, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência. Nenhum dos 14 trabalhos abordou diretamente gênero e saúde.

Segundo Tortato et al. (2011), o trabalho de professores e professoras acerca das questões de gênero e sexualidade começa desde os anos iniciais do ensino fundamental. De acordo com Louro (2012), o papel social de gênero é uma construção cultural e para Nagem e Amaral (2011) a identidade pode ser compreendida com base em elementos biológicos, de gênero e da orientação de desejo. As concepções de alunos de diferentes segmentos escolares e idades sobre os termos e definições que permeiam gênero e sexualidade são diversas. No ensino fundamental existem concepções polissêmicas acerca da sexualidade, sendo comumente limitada ao ato sexual em si. Cabe ressaltar que muitas vezes as concepções expressas na escola são pautadas em um ensino memorístico e repetitivo e centradas em livros didáticos e materiais paradidáticos de apoio (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011).

Construções de gênero, sexo e sexualidade podem potencializar desigualdades, quando demarcam condições de normatização e aceitação social (SCOTT et al., 2009), estabelecem relações de poder e opressão (FOUCAULT, 1993) ou são consideradas profanas ou erradas (COUTINHO, 2014). Considera-se relevante que pesquisadores brasileiros em educação em ciências se debrucem sobre questões de gênero e sexualidade articuladas à saúde, de forma a contribuir com reflexões, em diferentes níveis de ensino e espaços formativos, para a desnaturalização dessas construções.

Considerações Finais

Foram mapeados 88 trabalhos referentes a gênero e/ou sexualidade publicados nas Atas da III a XI edição do ENPEC. Na maioria dos trabalhos que trataram de gênero, os enfoques foram os das relações desiguais de papéis de gênero, sexismo e machismo. Poucos trabalhos abordaram identidades sexual e de gênero e diversidade sexual, principalmente em relação à homossexualidade e homofobia. Em relação ao nível de ensino nos 88 trabalhos analisados, 39 referiam-se ao ensino fundamental, 15 ao ensino superior e formação continuada e 12 ao ensino médio. Os sete autores com maior número de referências nesses trabalhos foram: Louro, Foucault, Scott, Altmann, Furlani, Figueiró e Ribeiro, em 10 ou mais publicações.

Dos 88 trabalhos sobre gênero e/ou sexualidade, 14 abordaram a sexualidade vinculada à saúde e nenhum abordou diretamente gênero e saúde. Apenas um dos 14 trabalhos apresentou a palavra “saúde” no título. Notou-se a tendência em abordar a sexualidade sob a perspectiva curricular, além da educação sexual e da sexualidade relacionadas à saúde, como em DST e gravidez precoce. Dos 14 trabalhos, sete se referiam ao ensino fundamental, seis ao ensino médio e um não tratou de segmento escolar específico. Os autores com maior número de referências nos 14 trabalhos que abordaram educação em ciências, sexualidade e saúde foram: Louro, Altmann, Furlani, Figueiró e Suplicy, em três ou mais publicações.

É importante continuar com pesquisas na educação em ciências que tratem de questões de gênero, sexualidade e saúde. Os desafios a serem enfrentados envolvem estudos que contribuam para reconhecimento das diversidades, a valorização das identidades sexual e de gênero e a articulação de relações de gêneros e sexualidades com a saúde. A perspectiva é que futuros trabalhos possam trazer novas reflexões e debates para a compreensão de formas saudáveis de se viver os gêneros e as sexualidades, a diminuição da discriminação e afirmação de respeito ao outro.

Referências

ABRAPEC. **Sobre o ENPEC**. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/index>. Acesso em: 19 jan 2018.

ALBUQUERQUE, G. A. et al. O homem na atenção básica: percepções de enfermeiros sobre as implicações do gênero na saúde. **Esc Anna Nery**, v.18, n.4, p. 607-14, 2014.

ALTMANN, H. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Rev. Estud. Fem.**, v. 9, n.2, p.575-585, 2001.

_____. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, v.21, p. 281-315, 2003.

AMORIM, A. M. M.; FREITAS, L. M. Que temas sobre sexualidade mais interessam aos jovens e adultos? Análise em uma escola parceira do PIBID/UFGA. In: **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Águas de Lindóia, 2013, p 1-8. Disponível em: < <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0679-1.pdf>>. Acesso em: 20 jan 2018.

ARAÚJO, L.; PENNA, L. H. A relação entre sexo, identidades sexual e de gênero no campo da saúde da mulher. **Revista de Enfermagem da UERJ**, v. 22(1) p. 134-138, jan/fev, 2014. Rio de Janeiro.

ARILHA, M.; CALAZANS, G. Sexualidade na adolescência: o que há de novo? In: **Comissão Nacional de População e Desenvolvimento - CNPD**. Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília: CNPD, 1998. Vol. II. 1998.

AZEVEDO, S. M. M. M.; SOUZA, M. L. Estudo investigativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA. In: **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Águas de Lindóia, 2013, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0831-1.pdf>>. Acesso em 28 jan 2018.

BARBOSA, R. M.; VILLELA, W. V. A trajetória feminina da AIDS. In: PARKER, R.; GALVAO, J. (org.) **Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1996, p.17-32.

BARDI, J.; CAMPOS, L. M. L. Orientação Sexual nas séries iniciais do ensino fundamental. In: **V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. p. 1-12. Bauru, 2005. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/venpec/conteudo/artigos/1/pdf/p729.pdf>>. Acesso em: 28 jan 2018.

BASTOS, F.; PINHO, R. Sentidos de sexualidade nos anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015). In: **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. p. 1-11. Florianópolis, 2017. Disponível em: <<http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/busca.htm?query=Sentidos+de+sexualidade+nos+anais+dos+Encontros+Nacionais+de+Pesquisa+em+Educa%27%E3o+em+Ci%2EAncias+%281997-2015%29>>. Acesso em: 28 jan 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Tema transversal - Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 285- 336. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>. Acesso em: 20 jan 2018.

BRUSCHI, I. C.; KLEIN, T. A. S. Sexualidade e adolescência na escola. In: **IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Bauru, 2000, p. 1-4. Disponível em: <<http://abrapecnet.org.br/enpec/iv-enpec/painel/PNL227.pdf>>. Acesso em: 18 jan 2018.

CAETANO, J. C. S.; SILVEIRA, C. L. P. O Ensino de Ciências e a educação para a saúde: a compreensão da sexualidade e do HPV no terceiro ano do ensino médio. In: **VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. p. 1-12. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viienpec/pdfs/746.pdf>>. Acesso em: 20/01/2018.

CALAZANS, G. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para reflexão. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P.M. (Orgs). **Retratos da Juventude Brasileira: Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, p. 215-241.

CICCO, R. R.; VARGAS, E. P. Potencialidades e Limites no Ensino das Doenças Sexualmente Transmissíveis: um estudo qualitativo na perspectiva socioantropológica. In: **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. p. 1-8. Águas de Lindóia, 2013. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/ixenpec/atas/resumos/R0198-1.pdf>. Acesso em: 22/01/2018.

COUTINHO, R.; RIBEIRO, P. Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 31, p. 333-365. 2014.

COSTA, E. M. A.; TORRES, D. F.; CIRNE, A. D. P. P.; COSTA, I. A. S. C. Percepção de alunos da educação básica sobre sexualidade. In: **VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Campinas, 2011, p. 1-14. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viiienpec/resumos/R0329-2.pdf>. Acesso em: 26/01/2018.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FAÇANHA, M. C. et al. Conhecimento sobre Reprodução e Sexo Seguro de Adolescentes de uma Escola de Ensino Médio e Fundamental de Fortaleza – Ceará. **DST – J Bras Doenças Sex Transm.**, v. 16, n. 2, p. 5-9, 2004.

FÉLIX, J. **Gênero, sexualidade e educação em saúde nas escolas: algumas reflexões**. Disponível em: <<http://www.coletiva.org/index.php/artigo/genero-sexualidades-e-educacao-em-saude-nas-escolas-algumas-reflexoes/>>. Acesso em: 20 jan 2018.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual no dia a dia**. Londrina: Eduel, 2013.

_____. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: Eduel, 2006.

FONSECA, A. Prevenção às DST/AIDS no ambiente escolar. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.6, n.11, p.71-88, 2002.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Edições Graal. Rio de Janeiro. 1993.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GARCIA, A. M.; ABREU, M. A. F. Investigando a escola como ambiente para a prática da orientação sexual; In: **IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Bauru, 2003, p. 1-5. Disponível em: <<http://abrapecnet.org.br/enpec/iv-enpec/painel/PNL162.pdf>>. Acesso em: 10 fev 2018

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUANILO, M. C. T. U.; TAKAHASHI, R. F.; BERTOLOZZI, M. R. Avaliação da vulnerabilidade de mulheres às Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST e ao HIV: construção e validação de marcadores. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.48, n.spe, 152-159, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Brasil: tábua completa de mortalidade 2014**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas_Completas_de_Mortalidade/Tabuas_Completas_de_Mortalidade_2014/notastecnicas.pdf>. Acesso em: 29/01/2018.

LIMA, A. C.; SIQUEIRA, V. H. F. Ensino de Gênero e Sexualidade: diálogo com a perspectiva de currículo CTS. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.6, n.3, p.151-172, nov 2013.

LOURO, G. Gênero, Sexualidade e Educação: das afinidades políticas às tensões metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez. 2007.

_____. **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de Metodologia Científica.** Editora Atlas. São Paulo, 1995.

MARTINS, I. et al. (Org.) **Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Águia de Lindóia, SP: ABRAPEC, 2013.

MARTINS, I. et al. (Org.) **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Campinas, SP: UNICAMP/ABRAPEC, 2011.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 23 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.

MIRANDA, M. A. G. C. A abordagem da sexualidade no Currículo de São Paulo. In: **VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Campinas, 2011, p. 1-12. Disponível em: < http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viiienpec/resumos/R1001-2.pdf>. Acesso em: 10 jan 2018

MIRANDA, P. R. M.; FREITAS, F. E. L.; SILVA, C. N. Concepções e temas correlatos de sexualidade de alunos do Ensino Fundamental. In: **X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Águas de Lindóia, 2015, p. 1-8.. Disponível em: < <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/x-enpec/anais2015/busca.htm?query=Concep%E7%F5es+e+temas+correlatos+de+sexualidade+de+alunos+do+Ensino+Fundamental>>. Acesso em: 28 jan 2018.

MONEY, J. Gay, straight and in between. Citado em CARDOSO, F. O Conceito de Orientação Sexual na Encruzilhada entre Sexo, Gênero e Motricidade. **Revista Interamericana de Psicologia/ Interamerican Journal of Psychology**, v. 42, p. 69-79, 2008.

MOREIRA, M. A. et al. (Org.) **Anais do I Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Porto Alegre: Instituto de Física da UFRGS, 1997.

MOREIRA, M. A. et al. (Org.) **Anais do II Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Valinhos, SP: ABRAPEC, 1999.

MOREIRA, M. A. et al. (Org.) **Anais do III Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Atibaia, SP: PUCRS/ABRAPEC, 2001.

MOREIRA, M. A. et al. (Org.) **Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Bauru, SP: UNESP Bauru/ABRAPEC, 2003.

MORTIMER, E. F. et al. (Org.) **Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Florianópolis, SC: UFSC/ABRAPEC, 2007.

MORTIMER, E. F. et al. (Org.) **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Florianópolis, SC: UFSC/ABRAPEC, 2009.

NAGEM, R.; AMARAL, S. Analogias e Metáforas na Educação Afetivo-Sexual. In: **V Encontro Nacional De Pesquisa Em Educação Em Ciências.** p. 1-12. Bauru, 2011. Disponível em: < <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/venpec/conteudo/artigos/3/pdf/p806.pdf>>. Acesso em: 20 jan 2018.

NARDI, R.; BORGES, O. (Org.) **Anais do V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Bauru, SP: ABRAPEC, 2006.

OLIVEIRA, R. R.; BRANCALEONI, A. P. L.; GIÃO FILHO, G. M.; PAULINO, R. S.; SILVA, C. S. F. Preconceito e sexualidade em sala de aula – o (des)preparo docente frente ao dizer dos alunos. In: **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 2017, p. 1-9. Florianópolis. Disponível em: < <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/busca.htm?query=Preconceito+e+sexualidade+em+sala+de+aula+%96+o+%28de+s%29preparo+docente+frente+ao+dizer+dos+alunos>>. Acesso em: 10 jan 2018.

OLIVEIRA, D. C et al. Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. **Escola Anna Nery**, v.13, n. 4, p.833-841, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Gender**. Disponível em: <http://www.who.int/gender-equity-rights/understanding/gender-definition/en/>. Acesso em 21 mai 2017.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, 20(2), p. 71-99, jul/dez 1995.

SCOTT, P; LEWIS, L. QUADROS, M. T. **Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para a formação docente**. Editora Universitária: Recife, 2009.

SELLES S. et al. (Org.) **Anais do X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. As políticas educacionais e Educação em Ciências: impactos na pesquisa, no ensino e na formação profissional. Água de Lindóia, SP: ABRAPEC, 2015.

SELLES S. et al. (Org.) **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. 20 anos de ABRAPEC: Memórias de conquistas e movimentos de resistência. Florianópolis, SC: ABRAPEC, 2017.

SEVERINO, A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª Edição. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, V. M. **Entre corpos, textos e silenciamentos: abordagens sobre gênero e sexualidade em Manuais do Professor de Ciências**. 122 f. Dissertação (Mestrado de Ensino em Educação Básica). Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2017.

SILVA, A. C.; LIMA, A. C. L. M.; SIQUEIRA, V. H. F. Educação Sexual no cenário escolar contemporâneo. In: **IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Águas de Lindóia, 2013, p. 1-8. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/ixenpec/atas/resumos/R0137-1.pdf>. Acesso em: 20 jan 2018.

SILVA, R. S.; MIRANDA, J. F. J.; ARAÚJO, R. L. Conhecimento de Jovens e Adolescentes sobre sexualidade: análise em uma escola parceira do PIBID-UFPA. In: **X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Águas de Lindóia, 2015, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.abrapecnet.org.br/enpec/x-enpec/anais2015/busca.htm?query=Conhecimento+de+Jovens+e+Adolescentes+sobre+sexualidade%3A+an%28de+uma+escola+parceira+do+PIBID-UFPA>>. Acesso em: 28 jan 2018.

TORTATO, C.; CASAGRANDE, L.; CARVALHO, M. Relações de Gênero no Ensino Fundamental e Médio: Abordagens Iniciais. In: **VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. Curitiba, 2011, p. 1-13. Disponível em: < http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E3_Rel%C3%A7%C3%B5es_de_G%C3%AAnero.pdf>. Acesso em: 28 jan 2018.

VIANNA, C. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. **Pro-Posições**, v. 23, n. 2 (68), p. 127-143, maio/ago, 2012. Campinas.